johnny cash
AMERICAN IV

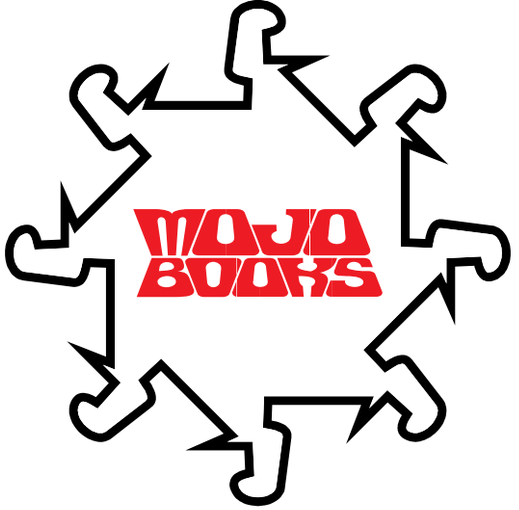
recontado por
PABLO MELGAR

16

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

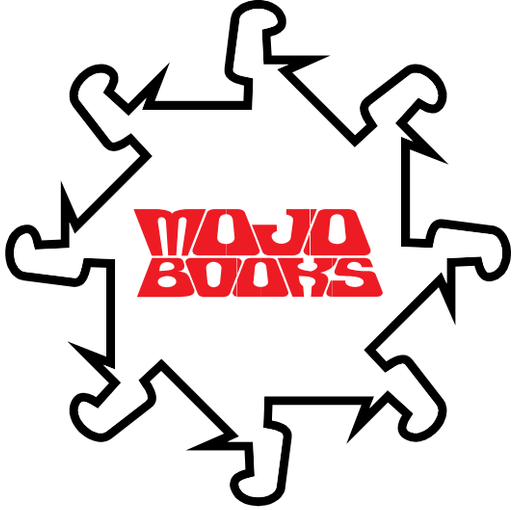
Danilo Corci
organizador



VOLUME 16

AMERICAN IV
johnny cash

recontado por **PABLO MELGAR**



VOLUME 16

AMERICAN IV
johnny cash

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição Danilo Corci e Ricardo Giassetti

direção de arte e capa Delfin

revisão Camila Kintzel

Março de 2007

“I’d like to wear a rainbow every day, and tell the world that everything is o.k. But I’ll try to carry off a little darkness on my back. Until things are brighter, I’m the Man in Black.”

Johnny Cash

O HOMEM APARECE

— Bate nele!

— É, acerta ele!

— Vai!

— Vai!

A multidão no pequeno ginásio estava alvoroçada. Natural, afinal já se passara tanto tempo sem este tipo de combate — por diversão, por brincadeira — que eles já haviam até se esquecido como era. Combate, para o grupo que estava ali, era o fuzil na mão, baionetas bem afiadas, muitos gritos e caos perfazendo os pequenos momentos de solidão patriótica enquanto ficávamos largados em pequenos bosques no interior do país que inventara o lema "um por todos, todos por um". Aquela guerra nunca tinha sido minha, nem seria. Eu gostava mais do que estava fazendo agora, e aqueles malditos alemães tiraram minha chance de uma bela carreira — talvez de ser campeão peso-leve. Agora eu lutava aqui, num ginásio apertado, e ainda tinha de lidar com aquele maldito suvenir prateado que estava alojado na minha coxa esquerda; John,

o médico de combate da Infantaria, havia dito que não era o caso de remoção. O pior de tudo é que aquilo ainda doía pra cacete.

FERIR

— Bate nele, Sam. Que diabos! Você está parecendo uma moça!

Esse era Reznor, meu companheiro de batalhas que se autoproclamara meu treinador de boxe nas horas vagas. Eu nunca pedi, mas ele estava tão empolgado com sua nova "carreira" que nem liguei. Enfim, sempre faltou diversão nesta porra de lugar e, apesar de todos os pesares, era isto que importava no final das contas, não? Camaradagem.

— Sua perna está incomodando? Se estiver, fique parado, espere ele chegar perto e solte o braço. Lembre-se: solte o braço. Já vi você derrubar um *jerry*[1] com os punhos. Não vacile agora. Sem dor. Sem dor!

Inferno, derrubar um *jerry* com um soco. Aquele maldito irlandês O'Riordan acabou com a minha vida quando quis bancar o herói. Sim, aquele foi um dos piores momentos que já vivi.

Noite pesada, calor abafado pelos campos queimados, a batalha tinha sido cruel. Do nosso grupo, catorze tinham morrido e estávamos lá, parados, esperando o amanhecer para tentar uma

nova investida. Algum manda-chuva falou que aquela posição era crucial para toda a tática de invasão e que teríamos de tomá-la, custasse o que custasse. Se o preço fosse a vida do esquadrão, que fosse. Aquele lugar tinha de ter bandeira norte-americana até o final do dia seguinte. Até parecia fácil, afinal fomos em cinqüenta, e a inteligência tinha dito que naquele local não havia mais do que trinta *jerrys* — dispostos estrategicamente para retardar nosso ataque contra a base de Lille. Não era irônico? Nós ali, alguns dos criminosos urbanos mais violentos dos Estados Unidos, e tendo que tomar uma tal de St. Quentin? Alguns generais gostam, mesmo em guerra, de fazer piadas. Em especial o puto do general Presley, aquele almofadinha que não fazia absolutamente nada, mas ganhava todos os louros de nossas vitórias conquistadas na raça. Pra ele era tudo muito fácil, tinha sido preparado a dedo, selecionado pro cargo. Ele ordenou um ataque noturno. Nem os alemães queriam saber de guerra no meio da noite, com aquele cheiro de queimado, aquele misto de churrasco humano com grama. Nosso alfa garantiu que, antes do raiar do sol, teríamos de partir para cima, não importava que eles estivessem lotados de MG42[2].

Deitado em minha trincheira, sentia a lama escorrer pra dentro do uniforme. Aquela sensação era pra lá de ruim — quando

algo molhado começa a secar, criando uma crosta que parece te segurar. Talvez fosse um sinal de Deus tentando nos segurar, tentando parar com aquela putaria toda. Afinal, eu era um *country-boy*, queria saber mais de minhas *buddies* e meus *luckys* do que estar perdido no meio de uma floresta na França. Que diabos, França... Nunca quis nem me imaginei aqui. Mas cá estou matando alemães porque dizem por aí que eles são maus, bem maus. Eu também sou mau, poxa vida. Do meu jeito, é claro. Eu gosto de ferir pessoas, foi um hábito que adquiri desde criança, quando descobri que podia falar o que quisesse e ganharia sorrisos largos de meu pai, incentivador de minhas verdades mirins. O gosto de mentira travestida de sinceridade impregnou-se em minha boca, e, agora, já é tarde demais. Não vou deixar nunca de fazer isso. De fato, eu cultivei como *hobby*. Algumas pessoas gostam de mascar tabaco, outras de colecionar figurinhas de beisebol. Eu gosto de ferir. E, apesar de sempre ter ferido semanticamente, com palavras, adorei a sensação do toque de Rose, quando a colocaram em minhas mãos. Agora eu tinha Rose. E poderia ferir pessoas. De verdade.

MEU AMOR POR ROSE

— Sam?

— Sim?

— Quando será o ataque?

— Se eu soubesse, seria o líder deste pelotão, O'Riordan.

— Acho que você tem razão.

— Nem sei seu eu tenho, cara. Eu só quero acabar logo com isso e tomar a porra de um banho. Não agüento mais tanta lama.

— Seu pé melhorou?

— Mais ou menos. Não consigo manter as meias secas, perdi todos os meus pares extras lá em Évreux. Depois disso, você se lembra, né? Só trincheiras, trincheiras, trincheiras...

— Quando será o ataque?

— O'Riordan, já disse que não sei. Quando for, será, ok?

— Eles estão lotados de MG42.

— Eu sei. O Roy sabe, o Carl e o Jerry sabem disso também. Já esqueceu? Eles não, pois ainda estão lá, estirados. Dá pra ver daqui.

— Ei, cara, desculpe. Só estou querendo conversar um pouco.

— Faça-me um favor, O'Riordan. Cale sua boca irlandesa.

Esse clima de espera é o pior que pode acontecer. Do outro lado, ouviam-se as risadas dos malditos nazistas que pareciam bem, confortáveis pra cacete, provavelmente esperando que algum de nós fosse buscar os corpos de nossos companheiros. Pode parecer uma grande bobagem, mas sempre fazíamos isso. Carl e Jerry morreram justamente porque foram tentar ajudar Roy. Eu não quis, fiquei olhando, porque, claro, já sabia o que iria acontecer. Como num sonho, Roy tombou. Jerry gritou "Go, Cat, Go", e Carl, apelidado de "o gato", tentou buscar nosso novato caído. Outro tiro o derrubou pra sempre. Jerry também tentou ajudar. Jogou-se no chão, rastejou esticando seus braços loucos; e, quando Jerry levantou a cabeça para olhar, não deu outra, um *jerry* o fuzilou. Sua cabeça virou uma grande bola de fogo, tamanha a quantidade de balas que a penetraram, explodindo na hora. Não que não me importasse. Os três eram do tipo de cara que eu gostaria muito de ter ao meu lado nesta brigalhada toda, mas eu ainda não estava pronto para morrer. Não ainda.

Ouço passos abafados pelas folhas úmidas ao lado da trincheira. Era Ray, o líder do pelotão. Ele pula, rápido, no buraco.

— Vocês dois, prestem atenção. Vamos atacar.

— Como será isso, tenente? — perguntou O´Riordan.

— Luther, Marshall, Clement e Phillips vão flanqueá-los. Vocês dois, Billy ali, e Rubin e Reznor mandam balas nos filhos da puta. Uma chuva delas. Quero balas pra todos os lados. Vamos pegá-los, ok?

— Sim, senhor! — respondeu O´Riordan.

— Certo, Sam?

— Claro, tenente Ray. Claro.

— Só mais uma coisa, garotos.

— Sim?

— Não se preocupem com sobreviventes. Desta vez, nada de *jerry* prisioneiro. Quero todos mortos.

— Pode deixar, senhor. É isso mesmo o que eu quero — respondi.

Estávamos quase prontos. Era só esperar o sinal que Luther, Marshall, Clement e Phillips nos dariam. Fumaça vermelha, daquela que parece uma cortina desbotada de cabaré fuleiro. O sinal perfeito para que Rose e eu façamos amor.

PROBLEMAS ROLANDO

Você já teve aquela sensação de olhos doídos de tanto observar uma coisa? E observa com tanta força e vontade, querendo engolir cada detalhe que, por mais contraditório que seja, ao final você não vê merda nenhuma? Isso era eu ali. O´Riordan, agachado, esperava a fumaça. Tinha sangue nos olhos, o moleque. Parecia querer vingança pelo nada — alguns corpos mortos? Aposto que do lado de lá também devia ter um Hans ou um Fritz com raiva. No final, tudo se resumia a isto: raiva. E, com raiva, a tendência à merda é maior do que qualquer um poderia imaginar. Aguardávamos o quarteto iniciar o ataque para tentar dizimar aqueles bastardos que, mesmo em número reduzido, pareciam lagartixas. Eu sofria com meu vazio no estômago e já que sabia que acertaria alguns deles. Mas se eles me acertariam, bom, isso eu não poderia garantir.

— A fumaça! A fumaça, a fumaça, a fumaça! — berrou Reznor.

— Matem todos. Matem todos. Matem todos — esganiçou de volta Billy.

Abrimos fogo. Rose, a minha pequena, cuspia incansavelmente. Eu estava consciente da dor que meu pé esquerdo mandava em fagulhas para meu sistema nervoso, mas aquilo virou detalhe. Melhor um pé doendo por estar apoiado do que uma bala na cabeça. Atirava, incansável, pra a frente. Ainda não tinha localizado nenhum *jerry* para mandá-lo embalado na viagem de volta para a tal linda Berlim, mas descarregava assim mesmo. Se o plano do tenente desse certo, os alemães sairiam no encalço dos quatro para fugir da saraivada que estávamos aprontando; e lá dariam de cara com nossa artilharia para massacrá-los — desde que os putos não errassem as coordenadas mais uma vez. Parecia perfeito.

— Morteiros! — gritou alguém.

Mal deu tempo de me proteger. A explosão atingiu a trincheira de Bill, que voou em pedaços. Um a menos. O´Riordan tremia, mas parecia bem — dessa vez — pois continuava atirando alucinadamente. O ritmo intenso de nossos tiros tinha diminuído. Os alemães, espertos, mandavam bombas sobre as nossas cabeças. Algo estava errado; não era para ser assim.

Sim, estava muito errado mesmo. Em vez de seguirem os quatro, os polacos falsificados resolveram avançar. Se era briga que estávamos propondo, bom, eles resolveram atender ao nos-

so simpático convite e deram as caras. Só que não deveria ser ali, já que boa parte do nosso pelotão havia se deslocado para dar proteção a Luther, Marshall, Clement e Phillips. Ou seja, se tínhamos vantagem numérica até então, agora só haviam sobrado uns doze de nós por ali — onze, porque Bill virara uma costeleta bem assada.

— Ei, Sam, a coisa vai ficar feia aqui — falou Reznor.

— Cadê a porra do tenente? — perguntei de volta

— Foi pro outro lado dar apoio!

— Cara, acenda a fumaça. Acenda a fumaça! Estamos fodidos. Rubin, veja se o rádio do Bill ainda está inteiro e chame todo mundo de volta. Agora! — gritei.

— Pessoal, não parem de atirar. Não parem. Não parem — berrou Reznor.

Rubin levantou-se de sua trincheira, esgueirando-se lentamente em direção ao buraco fumegante onde Bill deveria estar. Lá de dentro, gritou:

— Porra, cara, já era. Estamos realmente fodidos. Tá tudo arrebentado aqui.

Chuva de morteiros. Balas de MG42.

— Rubin, abaixa, caralho! — gritei

Tarde demais. Você já imaginou uma cabeça sendo metralha-

da? A velocidade de penetração é absurda, e era a segunda vez em pouco tempo que via aquilo. Como todo material bélico, as balas são feitas para explodir na saída, justamente para se tornarem mais letais – se não matam, com certeza tiram de combate por um bom tempo — e, devo admitir, adoro esse prazer sádico dos criadores. Não consegui acreditar, mas o que antes era a cabeça de Rubin virou uma massa disforme.

— Estamos fodidos, estamos fodidos! — gritou O´Riordan pra mim.

— Moleque, você acha que eu não sei? Cala a boca e atire, irlandês maldito. Atire, filho da puta!

ENFORCADO

Dizem que o medo tem um gosto amargo, tão amargo que é capaz de paralisar a salivação, penetrando na secura da boca e escorrendo pelas veias, levando pequenas pontadas doloridas por todo o corpo; que faz escorrer uma pequena lágrima que embaça a vista e embaralha as reações. Balela. O medo tem um gosto doce, macio, convidativo como o açúcar, capaz de deixar as bochechas coradas, anestesiadas, com um rubor expectativo e transforma a tal lágrima num espelho que reflete sensações e movimentos por todos os lados. Provavelmente nenhuma tecnologia humana poderá repetir o gosto do medo com exatidão, pois, se conseguissem, a droga perfeita teria sido sintetizada.

O meu medo estava ali, agindo, e pude jurar que vi um homem vestido de preto acenando do outro lado, atrás dos alemães que estavam avançando. Ele fazia sinais, com desespero e raiva, apontando pra mim. Fechei meus olhos, “não é hora de ter alucinações, Sam”. Não agora. Sentia meu dedo trabalhando em Rose de maneira quase erótica, um vaivém rápido, buscando o clímax. Ela gritava, ah, como gritava, histérica. Abri meus olhos e Rose

não parecia satisfeita, queria mais. Olhei novamente para onde estava o homem, certo de que ele teria desaparecido. Engano. Lá estava ele, acenando com mais vigor; agora parecia que estava mais furioso. Queria que eu me mexesse? Que diabos? Eu deveria segui-lo? Parecia impossível abandonar minha trincheira. Mas foi o que fiz.

As balas alemãs continuaram zunindo em nossa direção. Arrastei-me pra fora da trincheira, com O´Riordan gritando que eu estava louco. Não dei atenção, precisava sair dali. Rastejando como um gato à espreita, ganhei alguns metros. Os *jerrys* não tinham me visto. Ainda. Rose, agora calma, ia à frente, abrindo caminho por entre a folhagem úmida. Arrastei-me até conseguir a proteção de uma árvore, onde pude me levantar. Teria de contar com a sorte, ir pro lado contrário para conseguir fazer a volta e tentar furar o bloqueio. Meus companheiros pediam que eu atirasse, reclamavam, provavelmente achavam que eu estava amarelando, com medo. Os sons das MG42 diminuíram. Era agora ou nunca. Corri como um maluco, atravessando um pequeno campo. Fagulhas explodiam em minha cabeça, esperando um impacto. Nada. Cheguei ao outro lado. Nada de americanos aqui, nem de alemães. Eu podia caminhar, protegido pela vegetação, até ficar perto da linha inimiga. O homem de preto parecia satisfeito, mas

ainda acenava. Tinha de continuar me movendo. Galhos arranhavam meu rosto, mas eu me movia com rapidez. A distância que me separava dos alemães era ridícula e, se pensar bem, parecíamos dois grupos de crianças rivais, protegidas por muros e jogando pedra um no outro. Os morteiros recomeçaram a castigar a nossa linha já cansada. Bom, talvez eles não percebessem minha aproximação. Contornei um chorão e atingi o território jerry. O homem de preto agora sorria largamente e apontava a direção. Rumei para a esquerda.

Mais confiante — eles não me viram —, entrei numa pequena clareira. O homem estava lá, sentado, me esperando.

— Olá, Sam Hall – disse.

— Diabos, cara. Quem é você? Como os chucrutes não te viram?

— Eles não podem me ver. Só você.

— Como?

— Não preciso nem vou me explicar.

— Mas...

— Mas você veio até aqui, não?

— Sim, mas achei que você estava precisando de ajuda, que era refém, algo assim.

— Não importa, você veio.

— Vim.

— Preste atenção... — disse o homem, se levantando.

— Hein?

— Você tem de correr. Correr sem parar. Correr até as terras do sul. Peça perdão.

— Como?

— Prestou atenção?

— Sim, cara, mas que diabos...

— Isso é tudo — disse e agarrou um tronco de árvore. A escalada dele foi fenomenal, ágil como um gato, forte. Subiu até o topo, caminhou sobre um galho – parecia um deus equilibrista, só que de negro. Só percebi que havia uma corda presa ali quando ele a colocou em seu pescoço e pulou. O estalo foi forte. Meu grito também.

A PRIMEIRA VEZ QUE TE VI, MEU PRÓPRIO JESUS

Alguns bastardos têm sorte na vida, e eu sou um deles. Só me dei conta que estava gritando quando ouvi um ruído vindo do outro lado da árvore. Claro, eu estava em território jerry; ou seja, literalmente fodido. Uma horda deles deveria aparecer em segundos para conferir o que tinha sido aquele berro. Mal tive tempo para pensar. Corri.

— *Anschlag! Anschlag!*

"Anschlag o caralho", continuei correndo, tinha de me esconder no meio daquele mato para tentar voltar ao grupo. Mas o Fritz parecia bem disposto a impedir que isso acontecesse. Ele continuava a gritar, e pude ouvir que ele estava engatilhando seu rifle. Tinha pouco tempo, joguei-me como se estivesse por fazer "o" *touchdown* da final do campeonato. Ouvi o estalo e senti o vento da bala zunir perto de meu ouvido. Maldito rabudo que eu era. O cara errou! O cara errou! Ha Ha Ha. Eu tinha uma chance. Girei sobre meu corpo e apontei Rose para o alemão.

— Filhodumaputa, você tá morto!

Era O´Riordan berrando. Ele vinha correndo em direção ao

alemão e começou a disparar, cravejando o infeliz, que dançava como uma marionete sob impacto das balas. Senti alívio e raiva. Que caralho aquele puto estava fazendo ali? Não deveria abandonar seu posto, nunca!

— Ei, Sam, você tá bem? — perguntou.

— Sim, irlandês. Eu poderia ter cuidado desse puto aí.

— Não parecia, cara.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— Cara, você saiu que nem louco, parecia que tinha visto o demônio. Depois que me liguei que você estava dando a volta, querendo atacar os putos por trás. Perfeito! Achei que deveria me juntar a você, assim teríamos mais força de ataque.

Levantei-me e caminhei em direção a O'Riordan. Deveríamos ter cuidado, estávamos na área da qual eles tinham o controle; qualquer vacilo, estaríamos literalmente ferrados. Pedi silêncio com meus dedos e segurei Rose com força.

— Sam! Sam! Cuidado, porra! — berrou O´Riordan desesperadamente.

— Mas que...

Virei e lá estava outro alemão, olhando-nos fixamente. Pude observar o buraco de seu rifle, que parecia sedento de vontade de explodir. Ok, minha sorte pareceu ter me abandonado. *Bang!*

Cores fumegantes atravessaram meus olhos, vermelho seco, azul sangrento. Uma dor em minha costela chispou em meus nervos. Dor na costela? Mas como? O alemão de olhos verdes estava na minha frente! O´Riordan! O maldito havia investido contra mim para salvar minha vida, de maneira bizarra. Ele literalmente deu uma voadora contra minhas costelas, derrubando-me num vôo descoordenado, com minhas pernas sendo jogadas para cima e uma delas sendo atingida pelo projétil alemão. O irlandês estatelou-se de costas no chão, e foi um banquete para o nazista, que descarregou seu rifle, com gosto, nele. O´Riordan se tornou um pequeno gêiser sanguíneo. Eu via a excitação do *jerry*, que continuava a apertar o gatilho insanamente. Tive certeza: eu seria o próximo.

A sorte, porém, não havia me abandonado. Em sua empolgação, o alemão gastara toda a sua munição. Eu tinha alguns segundos antes que ele voltasse à carga. Rose. Minha Rose, preciso de você. Certeiro na testa, e ele cai como um pedaço de concreto, reto, firme. A adrenalina bombava em minhas veias; mesmo assim, a dor chegou. Minha perna estava arrebentada. Apoiei-me em Rose para levantar, tinha de dar um jeito de sumir. A barulheira aqui chamaria a atenção. Já, já mais alguns *jerrys* apareceriam, ainda que, do outro lado, a batalha parecesse feroz.

Manquitolando, afastei-me da clareira e procurei abrigo perto do chorão.

— *Verdammen Sie es. Es gibt Amerikaner hier.*

Eles estavam por perto. Ignorando a dor, estiquei minha cabeça para olhar. Dois, que caminhavam em minha direção. Comecei a pensar, confuso, no que poderia fazer. Acreditava que poderia abatê-los; mas se dois vieram, logo viriam outros, e eu simplesmente não teria rapidez suficiente para conseguir escapar até o pelotão, onde talvez pudesse conseguir ajuda. Meu medo de perder a perna também aumentava. Rose me dava alguma confiança. Eu esperaria eles chegarem, passarem pelo chorão e abriria fogo. Era a minha melhor opção. Espiei novamente. Eles se aproximavam. Atrás, o homem de negro, debochado, sorria pra mim. Agora entendia: meu próprio deus-pagão do desespero e desesperança, da tristeza absoluta, estava ali pra me ajudar, para me guiar pelo resto da minha vida.

NA MINHA VIDA

Os alemães se aproximavam. Meu pescoço dava sinais da tensão, enquanto eu tentava disfarçar os jatos de dor que emanavam da minha perna. Diabos, eu era muito, muito jovem mesmo para morrer nesse tipo de combate, com o qual, cá pra nós, eu estava pouco me fodendo. Já podia ouvir os sons dos passos deles e a conversa sussurrada, da qual não entendia absolutamente nada. Eu esperava agarrado a Rose. O farfalhar das folhas no chão me dava a uma noção de tempo. Preferia esperar a sair de surpresa, atirando. Minha perna, agora inchada e ainda vertendo sangue, não me dava confiança. Eles estavam ao lado do chorão onde eu me abrigava e, ainda assim, sentia curiosidade de ver se o homem de preto também estaria junto. A tensão em meu corpo subia, deixando-o ardente. Eles estavam ao meu lado. Um deles, um alemão baixo, loiro, me encarou:

— *Ein was für Bumsen?*

Sorte. Ela de novo.

Quando ouvi o tiro, pensei que era dirigido a mim. O alemãozinho explodiu, espirrando sangue em meu rosto. Seu compa-

nheiro, assustado, apontou o rifle pra frente e disparou. Um “ãnf” veio em resposta. Apontei Rose e apertei o gatilho, mas ela estava cansada e não gostou do carinho. Estava sem balas. Putamerda-quetepariufilhodaputafodeu. Sem acreditar que seria capaz, saltei sobre o alemão, forçando minha perna arrebentada, que urrava em protestos doloridos. Um *jab*, um *upper* e um cruzado, numa rapidez que nunca imaginei ter. Ele se espatifou, entre nocaute e surpresa. Peguei Rose. Se ela não podia mais atirar, iria para o corpo a corpo. Enterrei-a na garganta do *jerry* e respirei.

— Caralho, Sam. Me ajuda.

Era Reznor. Reznor salvou minha vida. Usando Rose como muleta, fui em direção à voz de Reznor. A coisa não havia sido tão feia assim, só seu ombro parecia ter sido amputado, mas isso era impossível, pois seu braço ainda estava bem preso ao corpo. Ferimento besta.

— Ei, cara, você está bem? — perguntei retoricamente. Era óbvio que não.

— Temos de nos mandar, Sam.

— Você tem munição sobrando aí?

— Acho que sim. Veja na minha mochila. Você largou a sua lá na trincheira, seu louco. O que deu em você?

— Não sei. Achei que conseguiria dar a volta e atacá-los por

trás — respondi.

— Todo mundo achou que você tinha amarelado, porra!

— E o que você veio fazer aqui?

— Eu sei que você não é cuzão. Devia ter algum plano.

— E os outros?

— Carne moída. Fomos massacrados, cara. O pelotão retornou, mas, sei lá, não sei se conseguiram. Esses putos são fodas.

— Então temos de recuar, fugir mesmo. Com os dois arrebentados, não daremos conta — argumentei.

— Diga algo que eu não saiba, por favor — resmungou Reznor.

— São quantos quilômetros até a nossa linha consistente?

— Acho que uns dez.

— Vamos, então.

— Sam, você consegue? Parece pior do que eu.

— Não sei, mas não vou ficar aqui reclamando.

— Ok.

Reznor levantou-se e começamos a andar, cautelosos. Os *jerrys* estavam por ali, talvez procurando os sobreviventes da vitória deles. Que fiasco! Maldito general Presley. Aquela havia sido a primeira lição mais dura na minha vida: a de que os putos sempre se dão bem. E, de certa maneira, eu sabia que ali eu

também era um puto. O ruído fino de um morteiro interrompeu minhas filosofias. A cavalaria havia chegado. Havia chegado a hora dos alemães correrem.

OLÁ SAM HALL, SOU O PEQUENO DANNY

Eu e Reznor continuamos seguindo em frente. Bombas pesadas explodiam em nossas costas — tomem, seus malditos, tomem! A sensação de relaxamento tomava conta de meu corpo, depois de tanta tensão. Apesar do fracasso — e americanos não podem fracassar —, estávamos até que bem. Eu, com a perna arrebentada, e Reznor praguejando sobre seu ombro em frangalhos. Ossos do ofício.

— Alto lá — veio uma voz.

— Somos americanos. Somos americanos — gritou Reznor.

— Tropa?

— Airbone 41. Americanos Solitários — respondi.

— Ah, vocês. Tem mais gente lá?

— Não sei. Acho que só nós. Foi um massacre — disse Reznor.

— Americanos não são massacrados, cara — respondeu, enfurecida, a voz.

— É, mas fomos — praguejei baixo.

— Vocês estão bem? — perguntou a voz.

— Acho que seria bom contar com alguma ajuda, meu caro — respondi.

— Enfermeiro? Enfermeiro, feridos aqui. Feridos aqui — ouvi em resposta.

Um negro atarracado veio correndo em nossa direção. Deixei-me desabar no chão, Reznor me acompanhou.

— Relaxem, caras. Vou dar algo pra dor. Já tiramos vocês daqui — disse o negro.

Deixei a sensação do líquido gelado me ganhar. Morfina. Como aquilo era bom...

***

— Sam Hall?

Acordei abruptamente, quase com um grito. Olhos graves me fitavam. Estava num hospital, sabe-se lá onde.

— Sim?

— Que merda lá, cara. Que merda gigante. O comando não está nem um pouco satisfeito.

— Cara, que eu poderia fazer? Sou um só. Os *jerrys* estavam armados até os dentes, ninguém falou nada disso pra gente.

— Hummm.

— Reznor?

— Ele está bem. Ali, do outro lado.

Virei meu rosto e o vi dormindo. Aquilo estava bem, mas bem estranho mesmo.

— Então? — perguntei

— Como disse, o comando não está nem um pouco satisfeito...

— Isso você já me disse. Mas o que posso fazer? Um relatório? Caro general Presley, você nos mandou para uma roubada e os alemães chutaram nossos traseiros — falei, deixando transparecer um pouco de fúria.

— Não, Sam Hall. Relatórios não são necessários. Nós sabemos o que aconteceu.

— Ótimo.

— Mas isso vai ficar só entre nós. Nem os alemães devem saber. Estamos avançando cada vez mais, não podemos deixar um fracasso desses transparecer. Ingleses, tudo bem. Mas americanos nunca. Estamos ganhando todas. Pelo menos é assim que as coisas devem parecer.

— Mas que diabos? — perguntei.

— Meu caro, não vamos espalhar notícia de derrota. Foi por isso que atacamos com a força que deveria tomar Lille. E, caralho, pra pegar vinte alemães! Isso porque vocês foram incompetentes.

Nossa surpresa foi à merda graças a vocês, e o comando está realmente irritado.

— Irritado? Fodam-se todos eles. Cara, nós nos fodemos e são eles que ficam irritados?

— Regras. É tudo sobre regras — respondeu o jovem, que agora eu conseguia observar melhor. Provavelmente vindo de West Point, ele deixava um pequeno sorriso escapar. Sim, ele estava se divertindo com aquilo.

— E daí? — perguntei.

— Daí é simples. Corte marcial. Você e Reznor, desertores. Vamos puni-los. O general Presley pediu.

— Nos punir porque sobrevivemos? — perguntei, estupefato.

— Não. Punir pra que o orgulho continue firme. Tática desastrada de grupo colocando em risco a segurança das tropas. Como só sobraram vocês, vamos dar um exemplo para o resto de nossas forças de que temos de lutar, não importa pra quê. E sempre, sempre vencer.

— Cara, como você se chama?

— Danny.

— Danny, meu pequeno Danny. Vá cagar — falei e ri.

Minha aventura na guerra, pelo visto, estava acabada.

DESESPERADO

Tornar-se um desgraçado talvez seja uma das coisas mais cruéis na vida. É difícil manter a razão. Um tosco como eu já teria dificuldade de se manter mesmo voltando como o herói da cidadezinha de Laredo. Retornar como o pária, o filho dos campos de milho sem honra, era mais do que dolorido, era de uma melancolia infernal. Obviamente, ninguém queria saber de mim, eu era uma vergonha. Tive de me mandar. Quem sabe como um anônimo de cidade grande eu teria melhor sorte. Lá, na pequena cidade, fui esquecido. Na metrópole, tornei-me ainda mais ligeiro; contos-do-vigário em estações, pequenas contravenções na ordem e na lei me garantiam o sustento. Daí reencontrei Reznor, mais perdido do que eu. Seu pai o havia expulsado — ele era bem de vida. Duas almas gêmeas desgraçadas. Resolvemos, então nos tornar os piores bastardos — e deseperados.

CHORANDO A CARTA SOZINHO

Quando Reznor me chamou para o golpe perfeito — roubar a Rainha dos Diamantes — pressenti que a merda estava por acontecer. Mas, diabos, ele era meu único amigo, o que de certa maneira me resgatara para alguma coisa. O maior ponto de traficantes de heroína, o clube *cool* de *jazz* da cidade — com aquele povinho esnobe que rejeitava caipiras como eu — não parecia ser uma escolha muito esperta, ainda mais que a idéia era entrar às seis da manhã, perto do fechamento, e fazer a limpa. Sempre tinha pouca gente nesse horário, Reznor achava que seria facinho, facinho. E foi. Só que ele estava tão, mas tão chapado — e eu também — que não percebemos o loirinho bonitão com seu trompete — mais doidão que nós dois juntos — começar a reagir. Bom, eu queria ser boxeador...

O problema foi parar, coisa que não fizemos. Limpamos o sujeito ainda montados nele, até peguei a carta que ele tinha no bolso. Dois dias depois, soubemos que exterminamos a promessa branca do jazz da costa leste, que havíamos matado um tal de Chet Baker. Lembrei-me da carta e resolvi lê-la, finalmente — por

algum motivo não a havia jogado fora.

Você já viu um pintarroxo chorar quando as folhas começam a morrer? Isso significa que ele perdeu a vontade de viver. Estou tão só que posso chorar.

R.

Levantei meus olhos e o homem de negro sorria, parado na minha frente. Eu tinha vindo para o sul, agora tinha de pedir perdão. A polícia invadiu o muquifo onde nos escondíamos.

NAS RUAS DE LAREDO, NOS ENCONTRAREMOS

— Bate nele! Bate nele. Arrebenta, Sam! — eram os gritos de Reznor.

O duelo entre ex-fuzileiros, agora presos em San Quentin, era uma tradição das sextas-feiras. Eram concorridos, e as brigas eram pra valer. *Upper*, *jab*, cruzado, venci mais uma, mesmo com toda a dor na minha perna. Sem tempo para respirar, ouvi o apito que indicava a hora do banho. Molhei-me sem interesse e fui para o refeitório engolir a gororoba. Voltei para minha cela e esperei o apito da contagem:

— Sam Hall?

— Aqui.

Sentei e escrevi uma carta para minha mãe, agora de cabelos acinzentados, aquela que um dia me amou — talvez a única pessoa que tenha feito isso na vida.

Mãe, eles não vão me libertar desta prisão nunca, disso eu já sabia. Minha condicional foi recusada várias e várias vezes. Mas eu vou me libertar.

SH.

Improvisar uma seringa é a coisa mais fácil do mundo. Pega-se uma esferográfica de pressão, tira-se a carga e *voilá* — sim, eu aprendi esse termo lá — está pronta. Dói, e muito. Deixa marcas horríveis, principalmente porque você precisa de uma artéria maior, mais parruda. Eu tinha meus fósforos para os cigarros. E, melhor, eu tinha quase seis meses de suprimento de heroína fornecida pelo Reznor, que pacientemente guardei e escondi das revistas à cela. Coloquei meu trem em andamento e, curiosamente, o apito da hora de dormir espantou minha tristeza.

***

Abri meus olhos. Jerry, Roy, Carl e até o puto do Presley estavam ali. Acenei e disse alô. O homem de preto apontou para o caixão carregado por seis *cowboys*, mais ninguém, e me pediu para sorrir. Na longa avenida de Laredo, pude ver as nuvens pesadas se afastando.

FIM

NOTAS DA EDIÇÃO

[1] Durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados norte-americanos costumavam se referir às tropas alemãs como “os jerrys”, corruptela, em inglês, para *germans*.

[2] Metralhadora mais famosa do mundo, a MG42 foi usada pelo exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Para cada pessoa que um morteiro matou na Segunda Guerra, a MG42 foi responsável por outras três mortes.

SOBRE O CANTOR

John Ray Cash, mundialmente famoso como Johhny Cash, mudou o mundo da música. Filho de um fazendeiro pobre, cansou de ser dispensado até que Sam Phillips, da Sun Records, resolveu lhe dar uma chance, devido à música *Folsom Prison Blues.* Encrenqueiro, viciado em drogas, Cash casou-se com Vivian Liberto, mas separou-se para viver com o grande amor de sua vida: June Carter. Conhecido por tocar sempre de preto e abrir seu *shows* com a frase "Hello, I'm Johnny Cash", ele mostrou seu estilo quando resolveu tocar no presídio de Folsom e St. Quentin, marcos de sua carreira. Cash lançou *American IV: The Man Comes Around* em 2002, que consistia metade de material original e metade de *covers*. O vídeoclipe de "Hurt", de Trent Reznor, do Nine Inch Nails, venceu o *Grammy*. Ele morreu por complicações da diabetes em 2003, apenas dois meses após a morte de June, mas deixou seu legado em incontáveis músicos e um trabalho igualado apenas pelos maiores artistas de sua época.

CRÉDITOS ORIGINAIS

AMERICAN IV: THE MAN COMES AROUND - JOHNNY CASH

Design por Christine Cano

Fotografia por Martyn Atkins

Lançado em 05 de Novembro de 2002

Selo: Universal

Produzido por Rick Rubin e John Carter Cash

Para mais informações sobre o cantor, visite:

www.johnnycash.com

SOBRE O AUTOR

Pablo Melgar nasceu em Cuzco, na metade de década de 70. Passou sua infância dividido por suas duas paixões: torcer pelo Cienciano e ouvir rádio. Enquanto descobria que Johnny Cash não era a nova sensação norte-americana da música — o cantor era vendido assim no *dial* da rádio local —, imaginava-se driblando metade do time do Flamengo, de Zico, e fazendo o gol do título da Libertadores pro seu time. A paixão pelo futebol o trouxe ao Brasil, em 1994, onde veio cursar Publicidade na ECA-USP, em São Paulo. Retornou ao Peru no início de 2000 e lá conseguiu ver o Cienciano conquistar a Copa Sul-Americana, em 2003, e assumir a direção de criação da maior agência de publicidade de Lima. Só não conseguiu parar de ouvir Johnny Cash diariamente.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPATILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:
· copiar, distribuir, exibir e executar a obra
· criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

· Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
· Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

16 AMERICAN IV

JOHNNY CASH

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. THE MAN COMES AROUND
2. HURT
3. GIVE MY LOVE TO ROSE
4. BRIDGE OVER TROUBLED WATER
5. I HUNG MY HEAD
6. FIRST TIME EVER I SAW YOUR FACE
7. PERSONAL JESUS
8. IN MY LIFE
9. SAM HALL
10. DANNY BOY
11. DESPERADO
12. I'M SO LONESOME I COULD CRY
13. TEAR STAINED LETTER
14. STREETS OF LAREDO
15. WE'LL MEET AGAIN